



# A MEMÓRIA DISCURSIVA E EMERGÊNCIA DO KINISMO (CINISMO) SOBRE O DISCURSO DO MORADOR DE RUA: os efeitos de sentidos nos textos do Jornal “Aurora da Rua”

José Gomes Filho<sup>1</sup>

Iracema Luiza de Souza<sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa é a publicação de um jornal de rua (“street paper”), chamado “Aurora da Rua”, produzido e publicado por uma comunidade de moradores de rua, conhecida como comunidade da Santíssima Trindade, situada à Av. Jequitaia, 165, casa 6, em Água de Meninos, na cidade de Salvador (BA). É uma publicação diferente, pois os seus textos e imagens representam uma prática discursiva, que o qualificam como um fenômeno singular em relação a mais de 100 jornais deste tipo publicados em todos os continentes.

Para isso, fez-se um confronto com outro jornal de rua de Porto Alegre, conhecido por **Boca de Rua** que possui semelhanças e diferenças de estrutura, de linguagem e de conteúdo. A comunidade utiliza este veículo para três funções primordiais: a) construir um resgate da dignidade destes homens que vivem em extrema pobreza através dos textos em que podem significar-se como sujeitos; b) construir um *ethos* positivo de si mesmo através da venda do jornal, pois, como morador de rua não tem renda, cada morador vendedor fica com 0,75 centavos de cada jornal vendido a R\$1,00 passa a ter renda, por isso pode sentir-se como cidadão; c) divulgar e vender o jornal em praças públicas, em portas de igreja, em escolas ou faculdades ou em eventos culturais com o objetivo de mostrar à sociedade uma representação sócio- discursiva oposta àquela representação que ela tem sobre eles.

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa de Pós-graduação Letras/UFBA na linha “Língua e Cultura” e professor de ensino médio e superior há mais de 40 anos, ensinando Redação, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, nos principais cursinhos e colégios de Salvador, e agora professor EBTT do Instituto Federal da Bahia (IFBA).

<sup>2</sup> Professora orientadora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, especialista em Análise do Discurso pecheutiana e Linguística Aplicada.



As condições de produção podem explicar também as diferenças entre os dois veículos de comunicação. Há uma profunda relação de identidade entre o jornal “Aurora da Rua” e a Comunidade da Trindade onde é produzido, pois, na convivência dos moradores de rua, ocupando uma igreja abandonada, é que eclodem os valores que norteiam o espírito do jornal. Mais importante do que aquilo que é dito nos textos do jornal ou nas entrevistas com o povo da comunidade é analisar o não dito na maneira de viver o dia a dia. A comunidade não busca ou recolhe moradores de rua, apenas acolhe aqueles que buscam ajuda para uma possível transformação humana e social. Não usa as páginas do jornal para fazer proselitismo religioso ou político, por isso não faz denúncias sociais, nem assume uma crítica direta a programas públicos de inserção social. Não é uma organização não governamental (ONG), porque prima pela independência: não quer ingerência do Estado na administração do projeto ou da Igreja, mesmo ocupando um terreno pertencente à Arquidiocese de Salvador.

O jornal **Boca de Rua**, ao contrário, não se associa a moradores de rua vivendo em comunidade, mas a um grupo de moradores de rua que perambulam pelas avenidas e dormem debaixo dos viadutos de Porto Alegre. Não há um lugar fixo para as reuniões e a produção do jornal. No início, os encontros eram ao ar livre como a Praça Farroupilha, depois em uma sala num restaurante popular e, atualmente, nas dependências do grupo GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids). A venda do jornal também tem objetivo de geração de renda, a entrega é semanal ou quinzenal, o preço da edição custa R\$1,00 (um real), mas a renda integral pertence ao vendedor. Quem organiza a produção e a circulação do jornal é uma organização não governamental, chamada de Alice (Agência livre de Informação, Cidadania e

Educação) que possui vários projetos. Os moradores de rua participam da produção desde a seleção de temas da pauta, redação dos textos, realização das fotos até a escolha de títulos das matérias, ficando a redação final fica a cargo de jornalistas profissionais e voluntários.

## 2 OBJETIVOS

O objetivo básico, na pesquisa, foi identificar a formação discursiva predominante que legitima os sentidos e os sujeitos na materialidade dos textos e das imagens do jornal: **Aurora da Rua** como forma de descrever a identidade ou a representação social de uma comunidade de moradores de rua em Salvador, em oposição à formação discursiva que legaliza os estereótipos plantados na mídia, nos órgãos públicos.

É evidente que não existe uma homogeneidade discursiva, por isso fez-se necessário identificar e descrever outras formações discursivas que determinam o que deve ser dito ou não nas páginas do jornal baiano. De maneira inconsciente, o sujeito do discurso do jornal não é senhor do seu dizer, pois, por efeito da ideologia, obedece a cânones de natureza jornalística, científica, filosófica ou mesmo linguística, provando que a heterogeneidade discursiva determina os efeitos de sentidos nos textos do jornal.

Outro objetivo foi descrever, na materialidade dos textos e da linguagem, os traços do discurso de poder do morador de rua nas diversas representações culturais: moda, moradia, diversão, religião, gastronomia, música, ou categorias culturais: noite na rua, arte na rua no sentido de afirmar uma identidade cristalizada, mas em movimento em oposição à “comunidades guarda-roupa” (BAUMANN, 2005) do homem pós-moderno em que tudo é volátil e efêmero, logo um admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis.

Em meio a três representações, considerando as diferentes condições de produção, como a representação negativa que a sociedade tem sobre o morador de rua, chamando-o de vagabundo, doente mental, mendigos, enfim, um refugio social que deve ser expurgado; a representação que o morador de rua tem de si mesmo, muitas vezes, negativa, achando-se um estigma social, um ser derrotado,

esquecendo que, debaixo daquelas roupas sujas ou de um corpo maltrapilha, existe um ser humano que merece cuidados; a representação que o jornal “Aurora da Rua” tem sobre o morador de rua sempre realçando os seus aspectos positivos, reconstruindo seus laços afetivos e sociais.

O foco da pesquisa foi sempre a última representação porque não haveria tempo e condições para aprofundar as outras formações imaginárias. Desta posição discursiva é que se procederam a análise e a compreensão dos sentidos do jornal.

Tem-se o intuito de verificar como a memória discursiva interfere e atualiza as construções semânticas do intradiscurso, materializado nos textos do jornal, e, assim, descrever como se constrói a produção de sentidos e a subjetividade do morador de rua na Bahia. “O interdiscurso sob a forma de “pré-construídos” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece e impõe a realidade e o seu sentido sob a forma de universalidade” (PECHEUX, 2009 [1975], p.151), o que implica compreender como se processam a repetição ou a transformação de sentidos de sentenças que são realizadas no nível da enunciação como acontecimentos discursivos. Neste sentido, houve momentos de silêncio constitutivo, próprio da linguagem, mas também de silenciamentos por força da interpelação ideológica, porque nem tudo pode ser dito pelos moradores de rua no jornal ou nas interações cotidianas devido à presença de uma formação discursiva predominante.

O desejo de efetuar esta pesquisa não foi querer dar voz a quem não tem voz, porém dar visibilidade a quem já tem voz, seja sob a forma de um jornal de rua como o **Aurora da Rua**, seja sob a forma de vida em comunidade, apresentando à academia e ao mundo uma maneira de existir que, apesar da pobreza extrema, não depende de assistencialismo oficial ou privado, nem de compaixão cínica do poder que os humilha. Ante a mídia hegemônica, o jornal significa resistência ao modelo de se fazer comunicação popular e uma ironia às políticas públicas porque, em todas elas, não há soerguimento psicossocial do ser humano que existe em cada morador de rua.

### 3 CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Da Análise do Discurso francesa, na linha de Michel Pêcheux, trabalhou-se com as noções de “formação discursiva”, “condições de produção”, sobretudo o “interdiscurso” na forma de “pré-construído” como aquilo que diz em algum lugar interfere na própria formulação do intradiscurso, portanto na produção dos sentidos e na construção da subjetividade do sujeito. Como a leitura tão só dos jornais foi insuficiente para a consecução dos objetivos, foi necessário acompanhar, através da observação participante, o cotidiano das pessoas em situação de rua que vivem na Comunidade da Trindade. A maneira de se relacionar, de assumir as tarefas de trabalho, de resolver os problemas, de serem ouvidos nas reuniões envolve um processo de aprendizagem, de uma educação informal, lenta, gradual como propunha Paulo Freire em seu livro: “Pedagogia do Oprimido” (1987). A noção de comunidade remete-nos à comunidade do cristianismo dos primeiros séculos da nossa era, às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da década de 70/80, à Teologia da Libertação que fazia a opção preferencial pelos pobres na América Latina.

A disciplina “Estudos Culturais” hoje se torna uma ferramenta, ao lado da Análise do Discurso, para compreender movimentos sociais, os conflitos de gênero ou de classes sociais, sobretudo num programa de pós-graduação que segue a linha: “Língua e Cultura”. Nesta pesquisa, além do trabalho de Hall (2012) estabelecendo os parâmetros da identidade e da diferença, de Raymond Williams (2011) mostrando a cultura como vivência e um modo de ser de um grupo social, de Foucault (1971), discutindo as novas formas de poder, pulverizadas na sociedade, de Nelson Maca (2010), desconstruindo a escritura dogmática vigente através de uma literatura divergente cujas raízes se encontram na cultura negra do Pelourinho, tem o objetivo de evidenciar a projeção da cultura nos fenômenos discursivos atuais, importa ressaltar, neste presente artigo, a importância do cinismo grego (“Kynismo”), corrente filosófica muito popular em Atenas que satirizava as convenções sociais, valorizava o despojamento material como uma sabedoria, vai influenciar o Mundo Ocidental, sobretudo, o cristianismo na fase inicial de onde nasce o conceito de “comunidade” e a opção pelos pobres. Esta visão revolucionária vai aparecer, de forma inconsciente, na maneira de ser da Comunidade da Trindade onde é feito o jornal “Aurora da Rua”.

Esta pesquisa, pela sua natureza interdisciplinar, inscreve-se no terreno da Linguística Aplicada, porque envolve o estudo da linguagem, como uma prática social, envolvendo a enunciação e o contexto sócio- histórico dos atores sociais, do pesquisador. Em termos teóricos, não se filia aos estudos da língua na sua ordem interna, mas no nível da historicidade, da sua exterioridade, porque a língua(gem), por ser um constructo social, é determinada por injunções históricas e ideológicas, logo não é apenas um instrumento de comunicação, mas uma construção discursiva em que os sujeitos se significam, ocorrendo um efeito de sentidos entre locutores. Em termos metodológicos, a LA, ao valorizar o contexto da aplicação, se alinha aos objetivos da pesquisa qualitativa, pois o contato com o *corpus* da pesquisa, a convivência com as pessoas, objeto da pesquisa podem modificar as próprias questões norteadoras iniciais.

### 3 CINISMO (KYNISMO)

Foi uma escola filosófica grega criada por Antístenes, seguidor de Sócrates, aproximadamente no ano 400 a.C., mas seu nome de maior destaque foi Diógenes de Sínope. Estes filósofos menosprezavam os pactos sociais, defendiam o desprendimento dos bens materiais e a existência nômade que levavam. Um cínico não tinha nenhuma propriedade e rejeitava todos os valores convencionais de dinheiro, fama, poder ou reputação. Uma vida vivida de acordo com a natureza requer apenas as necessidades básicas necessárias para a existência, e qualquer um pode tornar-se livre ao libertar-se de todas as necessidades que são o resultado da convenção. Os cínicos adotaram **Hercules** como seu herói e epítome do cínico ideal. Hercules. Foi ele quem trouxe **Cérbero**, o cão de Hades, do submundo, um ponto de apelo especial para o homem-cão, Diógenes.

Figura 1 - Diógenes com a lâmpada



Figura 2 - Diógenes dentro de um barril de vinho



O comportamento cínico afrontava os valores convencionais da época, por isso urinavam, faziam amor em lugares públicos como faziam os animais na natureza. Detestavam as construções lógicas, logo não suportavam Platão e Aristóteles. Usavam a ironia ou o sarcasmo para convencer o outro da estupidez de vida, feita de hipocrisia. A argumentação cínica se baseava em alguns princípios como a **farresia**, falar a verdade, mesmo que, para isso, venha até a morte como fez Sócrates; **vida não dissimulada**, porque não tem preocupação de viver de aparências, assumem a vida simples e pobre (*“vida da qual não se envergonha porque não tem de se envergonhar”* ou *“Não há intimidade, não há segredo, não há publicidade na vida do cínico”*); **vida se mistura**, o que significa liberdade para efetivas ações apesar das dificuldades de sobrevivência (*“A verdadeira vida é sem vínculo, sem dependência, o que significa pobreza.” “A pobreza cínica é um despojamento que se priva de elementos materiais. Ela não é a aceitação da pobreza, ela é uma conduta efetiva de pobreza”*); **vida reta** que significa viver se inspirando na ordem natural e não na ordem convencional e impositiva da sociedade

(*“Só o que é da ordem da natureza é que pode ser um princípio para definir a vida reta para os cínicos”*), por isso comiam alimentos crus, adotavam o incesto e a autofagia (comer carne humana). Há várias lendas, como aquela em que Diógenes, com sede, pegou sua caneca para beber água junto a um poço, quando viu uma criança fechando as mãos para também beber água. Ele, então, jogou a caneca fora e bebeu a água como fez a criança. E, finalmente, **vida soberana** que significa independência, i.e. enfrentar as dificuldades como um treinamento para fortalecer o espírito e obter a felicidade como um cuidar de si (*“É o mesmo ato fundador de tomada de si que vai dar o gozo de mim mesmo e, por outro lado, permitir ser útil aos outros quando eles estão em dificuldades ou na desgraça”*) segundo a visão de Foucault (2011 [1975], p. 221- 236).

A influência do kynismo (*kion* em grego significa “cão”) na evolução da cultura ocidental é muito grande, considerando três aspectos: posteridades religiosas, posterioridades políticas e posterioridades estéticas. Quanto ao primeiro, sobressai o ascetismo cristão dos primeiros séculos, porquanto o cinismo e o judaísmo foram elementos culturais na formação intelectual e humana do Jesus histórico que habitava a região da Galileia na Palestina. Perto de Nazaré, existia a cidade de Séforis em que predominava a cultura helenística, trazida pelos romanos, por isso o cinismo era uma filosofia muito conhecida. Em Roma, os estoicos como Epiteto foram os herdeiros do cinismo grego, mas souberam, com uso da razão, retirar as irracionalidades como o incesto, a autofagia, o tom agressivo e valorizaram a natureza, a capacidade de enfrentar a dor. A ascese cristã que valoriza a opção pelos pobres, a peregrinação, tinham raízes cínicas. As ordens religiosas como os franciscanos, os beneditinos ou dominicanos surgiram na Idade Média vivendo os ideais da pobreza, do despojamento material, inclusive a denominação “dominicano” advém da junção de duas palavras latinas: *“canes domini”* (Os cães do senhor). Ao ideal de “um outra vida” (felicidade) a partir da capacidade de enfrentar as dificuldades, os cristãos falavam do “reino de Deus” como um dever.

Quanto ao segundo, fica explícita a revolução como estilo de existência em que se configura a ruptura com as convenções, os valores e os hábitos como faziam os cínicos diante da elite em Atenas. Neste sentido, o “militantismo” como vida revolucionária se materializa na construção de partidos políticos, de sindicatos que

lutavam por ideias, direitos ou poder durante os séculos XIX e XX. Até hoje, os vestígios do cinismo se encontram nas passeatas urbanas, reivindicando direitos como gratuidade de transporte público para estudantes, casa própria ou segurança pública. O testemunho de vida também outra forma de mostrar esta realidade, a exemplo de José Mujica ou Pepe Mujica que adotava uma vida simples, morando no seu sítio e usando um “fusquinha” como transporte mesmo sendo Presidente do Uruguai.

Quanto ao terceiro, as posteridades estéticas, a contribuição do cinismo para a arte moderna é significativa, porque implica a ordem do desnudamento de formas fixas, do desmascaramento das aparências e do formalismo estéril, da decapagem de modelos estereotipados, da escavação da redução violenta ao elementar da existência como reação aos essencialismos metafísicos. No século XIX, os respingos atingem a poesia satânica de Baudelaire, o realismo social de Flaubert, a sátira, o riso, o baixo ventre no conceito de carnavalização de Bahktin quando analisa as obras: “Pantagruef” e “Gargântua” de François Rabelais. No século XX, as experiências dos movimentos modernistas: “Pau-Brasil” e “Antropofagia” de Oswald de Andrade valorizam o primitivo, a piada em contraponto à hegemonia da cultura europeia, o que caracteriza o kynismo na cultura. A Literatura Divergente de Nelson Maca, ao buscar inspiração no movimento negro, sem estar preso a modelos estereotipados, mas retratando a força deste étnico na Bahia, sobretudo, no Centro Histórico de Salvador resgata esta memória discursiva. O jornal **Aurora da Rua**, como uma mídia alternativa, reflete este espírito de resistência, de ironia e de autoafirmação mesmo tratando de questão social muito séria: a exclusão do homem de rua.

#### **4 ASCESE CÍNICO-CRISTÃ**

Muitos autores defendem, de forma ampla, sistemática e equilibrada, a influência cínica em Jesus e na tradição cristã, o que era possível naquela na região da Galileia, devido à influência da cultura helenística trazida pelos romanos e que era muito comum às pessoas do povo, sobretudo nas zonas rurais. Neste período, predominavam, na figura do Jesus histórico, o cinismo, o estoicismo e o judaísmo. “... alguns de seus representantes passaram para o lado do estoicismo mais sério, produziram-se aí transições cintilantes para o cristianismo, mas essas transições

sucumbiram na medida em que a teologia cristã negou essa herança... (SLOTEDIJK<sup>3</sup>, 2012, P.294). No livro: "**O Evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs**", Jesus era um judeu cínico, por isso ele fez opção pelos pobres, vivia como peregrino, nasceu numa gruta em Belém, não aceitava a hierarquia religiosa judaica (MACK<sup>4</sup> 1994, p. 15).

Havia várias semelhanças entre a ascese cínica e a ascese cristã, como, por exemplo, a forma de pregar. Não estabeleciam um lugar (templo) onde recebessem os seguidores e os profetas que falavam em nome de Deus como faziam os rabinos na cultura judaica. Jesus, assim como os cínicos, era itinerante, falava com sua própria autoridade e não dissimulava as dificuldades para quem quer segui-lo. Quando diz esta frase aos discípulos: "*Ide; eis que vos envio como cordeiros entre lobos. Não leveis bolsa, nem mochila, nem calçado e a ninguém saudeis pelo caminho... Permanecei na mesma casa, comei e bebei do que eles tiverem... Não andeis de casa em casa.*" (Lucas, 10, 3-7), as pessoas desconhecem que este pensamento foi dito por Diógenes muito antes quando expunha as condições para segui-lo.

Na ascese cínica, além da opção pelos pobres, os filósofos cínicos não tinham vergonha de serem pobres, da mendicância em que viviam (*anaideia*), pois desprezavam as convenções sociais em busca da vida plena, de tanta liberdade que agrediam os outros, urinando ou defecando nas ruas como fazia Diógenes (*adiaphoria*), o que incomodava a elite de Atenas, porque falavam a verdade, mesmo que isto lhes custasse a vida (*parresia*). Não usavam a túnica e o manto, apenas uma única peça de tecido rústico que se dobrava para proteger-se do frio durante o dia e à noite servia de cobertor. Andavam descalços, portavam barba e cabelos longos e desordenados. Carregavam consigo ainda a bolsa para guardar alimentos que lhes eram dados nas peregrinações e um bastão bastante duro que servia como arma para se defenderem dos inimigos. Jesus peregrinava com seus discípulos mais pelas áreas rurais, indo a pé pelas comunidades, sem ter nem uma pedra onde repousar a cabeça, sem levar nada para o caminho, nem pão, nem

---

<sup>3</sup> SLOTEDIJK, Peter. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

<sup>4</sup> MACK, Burton L. **O evangelho perdido: o livro de Q & as origens cristãs**. Rio de Janeiro: Imago, 1994

dinheiro, sem bastão ou bolsa. Nestas caminhadas, interagia com os pecadores (os leprosos, doentes, cobradores de impostos, prostitutas), o que irritava os fariseus. Quem não se lembra do episódio da samaritana: “*A mulher samaritana lhe perguntou: “Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber?”*” (Jo, 4-9). Esta atitude não é característica da sua formação judaica, mas da influência cínica (DOWNING<sup>5</sup>, 1988, p.72).

Como judeu, teve várias influências, na sua formação cultural, de diversas correntes judaicas como os essênios que viviam reclusos no deserto, não participavam de levantes políticos; os zelotes que não aceitavam a subjugação do povo judeu ao poder romano, por isso sempre estavam armando insurreições contra os invasores. Jesus assume um comportamento de resistência, pois, assim como Diógenes de Sínope foi acusado de cunhar e mudar a moeda ao ajudar o seu pai, por isso foi exilado para a Europa, tenta também mudar não uma moeda, mas o conceito de palavras como poder, água, mulher, amor, vida, resignificando os sentidos, por isso expulsou os vendilhões do templo sagrado, disse que o poder não era oprimir, mas servir (“*Eu vim não para ser servido, mas para servir e dar a vida por resgate de muitos*”, Jo 10-10).

Em comum entre os dois pensamentos, havia a oralidade, porque nem Diógenes, nem Jesus deixaram nada escrito. Os evangelhos foram escritos muito tempo depois, por isso as narrativas não coincidem às vezes, porque a necessidade da divinização (“reino dos céus”) suplantou o Jesus histórico. Os livros da Fonte Q<sup>6</sup> revelam pequenas anedotas centradas numa sentença brilhante, em formas de reflexão, o que levar Jesus sempre a usar as parábolas como forma de ensinamento, como faziam os cínicos na Grécia antiga.

## 5 ANÁLISE DE TEXTO I

Como forma de comprovar as observações e reflexões da pesquisa, vamos ler e analisar o texto abaixo, retirado do jornal **Aurora da Rua** que trata de um dos temas

---

<sup>5</sup> DOWNING, F. G. Christ and Cynics.

<sup>6</sup> Fonte Q significa fonte em alemão “Quelle”.

mais discutidos entre os moradores de rua que é a comida. Por ser muito longo, preferimos colocar o essencial da matéria.

### **Que tal comeremos fora?**

#### **Moradores de rua exibem a suas habilidades culinárias e revelam os segredos de cozinhar nas ruas.**

*A imagem de pessoas reunidas à mesa para partilhar o alimento sempre foi símbolo de comunhão. Para grande parte das famílias, a refeição é o lugar de encontro que nutre o corpo e aquece os laços afetivos. Nas ruas, alimentar-se também pode receber um significado que ultrapassa a satisfação do apetite. Muitos moradores de rua assumem a liderança da culinária e conseguem proporcionar momentos de união através de uma comida peculiar feita de improviso e reciclagens. São tantos caprichos que dá até para brincar dizendo: “Que tal jantarmos fora hoje?”.*

*O fogão é o fogo a lenha. A panela pode ser um latão. A água natural se consegue em qualquer posto de gasolina. Os alimentos são arrecadados com a partilha em grupo. Cada um fica responsável em conseguir um ingrediente. Eles inovam a arte de cozinhar e mostram que para um bom prato de comida nas ruas, o importante mesmo é a cooperação. “A minha equipe da Baixa dos Sapateiros tinha umas 28 pessoas. Todos faziam correria. No final, dava um a panelona de comida”, lembra Jailton.*

*Toda culinária representa parte da cultura do seu povo. O modo de cozinhar criado pelo povo de rua revela características do seu próprio estilo de vida. Nem sempre há os utensílios e os espaços necessários para se fazer boas receitas. Mas como a precariedade não é maior do que o engenho dos moradores de rua, eles sempre reaproveitam o que encontram para substituir aquilo que precisam. “Transformamos garrafas Pet em vasilhas, latas em panelas, recuperamos verduras caídas das barracas de feira. Nada se perde em nossas mãos”, explica Robson.*

*Portanto, há muitos motivos para a preferência de os moradores de rua continuar fazendo a comidinha feita por eles. O preparo é simples, genuíno e digno. O fogo, além de dar um sabor especial, aconchega e ainda aquece do frio da noite. “É melhor do que comida de restaurante porque rende, você se serve à vontade e sai mais barato”, diz Elias com a experiência de quem já provou muitas comidas de rua.*

**(Aurora da Rua, fev./mar 2009, Ano 3, nº 12, p. 4-5)**

### 5.1 Kynismo no texto e na comida de rua

A expressão: "Vamos comer fora"? contém um conteúdo de ironia e de sarcasmo por seu caráter ambíguo, pois, para o morador de rua, ela significa literalmente comer nas ruas em oposição ao sentido conotativo da classe dominante que entende isto: comer em restaurantes da moda ou de famoso *glamour*. Esta visão antitética de pobreza absoluta diante da riqueza e do desperdício nos remete ao tom de zombaria e de escárnio dos kynistas (cínicos) às convenções e aos modos de vida da elite em Atenas, mostrando-lhe a estupidez de existência. Diógenes, o filósofo-cão não tinha interesse em convencê-la pela razão, dizendo-lhe o que ela queria ouvir para obter dela a adesão; ao contrário, ele agride, atingindo-a pelo mal-estar ("*páthos*"). O jornal **Aurora da Rua** não agride o seu leitor, porém, ao mostrar a precariedade de se cozinhar nas ruas e, mesmo assim, o povo da rua se sente feliz, não deixa de fazer, de uma maneira sutil, uma ironia à forma atual de se alimentar das pessoas, usando o "*fast-food*" (comida rápida), ao sistema consumista da sociedade moderna em que não há mais tempo para a refeição em família. Na Comunidade da Trindade, ninguém come sozinho: todos, quando vão almoçar ou jantar na "Oca", sala arredondada onde ocorrem as refeições, alimentam-se conjuntamente. Após as refeições, cada um lava seu prato e talheres, deixando-os limpos no corredor.

O morador de rua não tem vergonha de cozinhar, substituindo a panela por um latão, tendo como base dois ou três tijolos ao invés do fogão, queimando pedaços de madeiras, recolhidos do material reciclável, pois não tem dinheiro para comprar gás liquefeito. O alimento não é comprado em supermercados, mas recolhidos nas feiras populares, seja porque não têm valor comercial, porque estão machucados, seja porque estão imprestáveis porque caíram no chão. Tudo é aproveitado, usando um ingrediente especial: a cooperação. Cada um contribui do seu jeito, trazendo um tipo de alimento. É evidente que a vida assim experienciada não contém dissimulação, não se preocupa com as aparências. Pode ser sofrida, mas esta comunhão ameniza a fragilidade social em que se encontra o morador de rua. Muitos não recebem comida pronta; ao contrário, têm que cozinhar o pouco alimento debaixo dos viadutos, nas calçadas das ruas. Este comportamento é influenciado por este cinismo judaico-cristão.

Portanto, eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? (MATEUS, 6 26-30).

A forma de construir o texto tem vestígios cínicos. Precede sempre uma reflexão de um narrador-enunciador: "*Toda culinária representa parte da cultura do seu povo. O modo de cozinhar criado pelo povo de rua revela características do seu próprio estilo de vida.*" (l. 14). Em seguida, aparecem os relatos orais como forma de confirmação das sentenças argumentativas e explicativas: "*Transformamos garrafas Pet em vasilhas, latas em panelas, recuperamos verduras caídas das barracas de feira. Nada se perde em nossas mãos*" (l.18-20), explica Robson. Segundo relata o Diógenes Laércio na sua obra: "Vidas e doutrinas de filósofos ilustres" (1977), o Diógenes, o filósofo cão, quando expunha suas reflexões filosóficas, contextualizava-as com relatos ou aforismos. Falando uma vez sobre a importância da natureza como fonte de inspiração de conduta moral, ele relatou uma história: "Estava diante de uma fonte, buscou uma caneca na sua mochila para beber água. De repente, uma criança apareceu e, com duas mãos, fez uma concha e bebeu a água. Imediatamente, ele jogou a caneca fora e fez a mesma concha e também bebeu a água".

Além da criatividade, a comida de rua tem um sabor diferente, não só porque é simples e gostosa, mas também porque é feita com solidariedade, criatividade e engenho numa época em que predomina o individualismo, a competição e a destruição do outro. O tempero não é feito somente com cebolas, alhos e coentro, mas, sobretudo, com o espírito de comunhão, de repartição, o que não se verifica nos esquemas hegemônicos da sociedade. Na Comunidade da Trindade, o cozinhar é sempre em forma de rodízio, outro limpa as verduras, corta os legumes. Só não participam os velhos ou os doentes. Todos, de alguma forma, participam de todas as atividades. Não há desperdício, come-se o suficiente para sobreviver. Quando há sobras, a comida é dividida entre todos os animais que vivem na comunidade.

## 5.2 Pedagogia do banquete: a Comunidade da Trindade em ação

Para se compreender o jornal "Aurora da Rua", há a necessidade de se conhecer a Comunidade da Trindade, pois o jornal reflete a prática discursiva desta forma específica de viver. Os sujeitos que nela vivem não têm consciência, por efeitos do esquecimento ideológico, das implicações que legitimam aquilo que é dito nas páginas do jornal. A singularidade do jornal não está só no formato de tabloide, no estilo de escrever as matérias, mas, sobretudo, nas concepções do homem em situação de rua, de sua fragilidade social e nas vivências psicopedagógicas do dia a dia.

A leitura exclusiva dos jornais não foi suficiente para detectar a verdadeira identidade do "Aurora da Rua"; foi preciso adotar a observação participante durante quatro anos para perceber que algumas hipóteses não se comprovavam. Muitos visitantes consideram esta experiência muito estranha, porque os moradores de rua não pedem esmolas, não recebem ajuda oficial, não têm registro de pessoa jurídica, não é um movimento social. Não é filantropia assistencialista, porque não cria passividade naquele que é acolhido pela comunidade. Só permanece quando o morador que ser ajudado, por isso assume um compromisso: participar das atividades, construir-se como pessoa, respeitar os outros. A comunidade, quando acolhe, não o faz por piedade ("coitadinho"), por higienismo<sup>7</sup> como forma de limpar a cidade, mas com respeito, acreditando na reconstrução de laços afetivos e sociais perdidos.

Alguns visitantes, quando conhecem a Comunidade da Igreja, julgam-na por sua aparência física, pois os moradores de rua ocupam uma igreja abandonada que serve de dormitório e de abrigo: está cheia de material reciclável, papelão, cobertores e formas de arte de rua. Os corpos refletem anos de sofrimento, mas não estão tristes. Não percebem aquilo que não é dito, o implícito como elemento importante na construção dos sentidos. E depois eles vão às redes emitir falsos juízos de valor devido à falta de convivência, afirmando existir assistencialismo, messianismo, manipulação de pessoas.

---

<sup>7</sup> Higienismo significa adotar políticas públicas com o objetivo de eliminar os moradores de rua da paisagem urbana, seja recolhendo-os para albergues, seja matando-os.

À semelhança da “Pedagogia do Oprimido”<sup>8</sup> de Paulo Freire que defende a dialogia, a comunicação horizontal como forma de aprendizagem, evitando a disciplina do medo, da submissão, da educação bancária e acumulativa, mas a educação em que o oprimido seja sujeito de suas escolhas, a pedagogia do banquete consiste em cinco passos que ajudarão o morador de rua a se reconciliar consigo mesmo e com a sociedade. Esta trajetória não está escrita em nenhum lugar e não se sabe em que estágio se encontra cada membro da comunidade.

O primeiro passo é do alimento: saciar a fome, alimentar, mas, para isso, olhando a comunidade, é preciso participar do preparo do alimento, de servi-lo e de comer junto, porque isto significa não mendigar por comida, não comer as sobras dos outros. A fome animaliza o homem, não repercute só no corpo, mas na construção de sua subjetividade, porque a busca pelo alimento, segundo relatos de moradores de rua, é penosa, distante e humilhante. Quando não encontra, tem que buscar no lixo.

O segundo passo se refere ao acolhimento dos recém-chegados, independente de como estão chegando, de fazê-los sentirem bem-vindos e aceitos. Sentir-se acolhido representa uma esperança de inclusão afetiva, de ligação emocional com o outro. Ninguém obriga a fazer nada. O objetivo é que, vendo o outro, o morador de rua não vai querer ficar como estava: imundo, perigoso, imprestável e, daí, nasce o desejo de mudar e de reconstruir a sua vida.

O terceiro passo é o cuidar que não significa assistencialismo filantrópico, ocasional; ao contrário, significa disponibilizar tempo acompanhando-o na regularização de sua documentação civil, cuidar das condições de saúde, providenciando a carteira do Sistema Único de Saúde (SUS), dar os remédios prescritos pelos médicos na hora certa, providenciar retirar documentos como Carteira de Identidade, Contribuinte Pessoa Física (CPF). Enfim, o sujeito deve sentir-se que não está sozinho, porque sua vida foi feita sempre de abandono, de descaso e de anulação de sua subjetividade.

---

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

O quarto passo significa a capacidade de conquistar o próprio sustento via geração de renda. Na comunidade, os moradores podem reciclar material descartável, criar diferentes formas de artesanato como pequenos quadros, objetos de decoração, camisetas, etc. além de vender o próprio jornal que é gerador de renda. Há outras formas de inserção social como trabalhar em empresas, como aconteceu na construção da Arena Fonte Nova. O significado de ter um trabalho tem repercussões profundas na vida dessas pessoas para a conquista da dignidade.

O quinto passo é o da moradia que representa a ruptura com a situação de rua. Desaparece aquele sentimento de insegurança, passa a dar mais valor às pequenas coisas. Se os moradores de rua estão inscritos no programa: “Minha Casa, Minha Vida” do governo federal, são preparados para assumir as novas obrigações. Caso haja disponibilidade, pode alugar uma das casinhas que ficam na Comunidade da Trindade.

O jornal “Aurora da Rua” é parte integrante da vida da comunidade, o que lhe confere uma identidade que não existe no jornal “Boca de Rua” ou no jornal “O Trecheiro”, por isso o povo de rua e o da comunidade participam ativamente das atividades do jornal desde a produção até a venda e a circulação das edições pela sociedade.

## 6 ANÁLISE DO TEXTO II

No intuito de identificar os traços distintos do jornal **Aurora da Rua**, foi importante elaborar um estudo comparativo com outro jornal de rua, publicado em Porto Alegre, chamado de **Boca de Rua**, fundado no ano de 2000 pela ALICE (Agência livre para informação, cidadania e educação), uma organização não governamental sem fim lucrativo que tem como objetivos desenvolver projetos alternativos e autogeridos de comunicação para discutir comportamento, ética e tendências da imprensa, formar leitores críticos e contribuir para democratizar e qualificar a informação no Brasil.



### Vozes de uma gente invisível

O povo da rua passa fome, não tem onde morar, dorme na beira das calçadas, debaixo da ponte, dentro dos esgotos, em cima dos banheiros públicos, nos carrinhos de papelão ou em casarões abandonados. Mas o povo da rua fala. O povo da rua tem boca.

Tem famílias inteiras morando na rua, mas tem gente também que veio para a rua porque fugiu da família. Não queriam ficar com a família porque eram esculachados, apanhavam. Os mais fracos morrem. Os outros passam tudo que é tipo de dificuldade. No inverno, por exemplo, morre muita gente porque não tem cobertas, a roupa é pouca e o atendimento médico não existe. O que mais dá é Aids, tuberculose, dor de dente e bala de revólver.

A fome é o pior. Aí o primeiro recurso é roubar, mas também pedem nas casas, pedem emprego. Tem gente que xinga, mas tem os que ajudam. Dão comida, dão roupa. Tem uns que até ensinam a ler. Também tem a violência da polícia e até da população. Mesmo entre o povo das ruas existe violência.

Hoje em dia as pessoas têm medo de dormir dentro de caixas de papelão no inverno porque acontece bastante de tocarem fogo nas caixas. As vezes, são os boyzinhos, mas, outras vezes, é a gurizada da rua mesmo, que está de marcação ou uma criança pequena que cheirou loló e "viajou" Para eles, tudo é festa. Quem mais sofre são as pessoas velhinhas. Mas também na rua se aprende a respeitar as coisas dos outros, a mulher dos outros.

Tem muita droga flama. Tem droga dia e noite. E um passatempo para fugir dos problemas e da fome Tem de tudo: loló, maconha, cocaína. Cada vez mais a cocaína. Injetam, cheiram, fumam pedra de crack. Para conseguir dinheiro para droga assaltam, fazem arrombamento. Alguns são

usados como "aviãozinho" pelos traficantes. Ninguém sabe ao certo quantas pessoas vivem na rua. Tem gente que se esconde em uns buracos que ninguém sabe que existe.

Mas o povo da rua não é invisível. Quem faz o povo da rua invisível é a sociedade que passa e nem olha. Enquanto o cara não trabalha, é como se não existisse. Está marginalizado. Mas é difícil conseguir trabalho porque a maioria tem só a quarta série. Muitos são analfabetos e não têm documento.

Por tudo isso, este jornal vem para transmitir o que se passa com o pessoal que convive nas ruas. Nós, da equipe do jornal, fazemos questão de usar esta palavra "convive" e não "vive" nas ruas. Para nós, não existe guri de rua. Porque da rua todo mundo é. Todo mundo sai para a rua para trabalhar, para passear.

Acreditamos que o Boca de Rua vai ser importante para os que convivem nas ruas, porque será a sua voz. Também para a sociedade vai ser importante, porque vai botar na cabeça das pessoas o pensamento do pessoal que convive nas ruas. O jornal vai mostrar que nunca ninguém está completamente certo. Tem pessoa que se acha "o cara", mas não é. Ninguém é. Se viesse para a rua não seria ninguém.

Como disse o Jim Morrison (líder do grupo de rock The Doors):  
"Mesmo o relógio parado está certo duas vezes por dia"

(BOCA DE RUA, Ano I, número 0, dezembro 2000).

## 6.1 VOZES DA RUA: ANÁLISE DO TEXTO

Este texto abre o primeiro número do jornal "Boca de Rua (2000) cujo título contém uma sugestão cínica: "**Vozes de uma gente invisível**". A descrição do povo de rua que não tem onde morar, dorme na beira das calçadas ou debaixo dos viadutos, se parece com os cínicos que viviam nas ruas de Atenas, pedindo esmolas, mas que não aceitavam as convenções sociais que os qualificavam de imundos, ignorantes. Só que eles pensavam, filosofavam e rosnavam como cães à semelhança de Diógenes ("*Mas o povo da rua fala. O povo da rua tem boca*"), para mostrar aos atenienses a estupidez de suas vidas.

No segundo parágrafo, usando o estilo indireto livre, coexistem duas vozes: a do próprio morador de rua gaúcho e a do narrador- enunciador que descrevem a sua triste realidade sem qualquer forma de dissimulação ("*veio pra rua porque fugiu da família... Os mais fracos morrem... O que mais dá é Aids, tuberculose, dor de dente*

e balas de revólver"). É visível a preocupação com a verdade (*parresia*), o que lhe dá ânimo para enfrentar as adversidades.

No terceiro parágrafo, verifica-se a liberdade no registro popular da linguagem quando usam o verbo "ter" no lugar de "existir" ("*Tem gente que xinga ... Tem uns que até ensinam a ler*") como o tom crítico e irônica quando fala de violência da polícia, do próprio povo de rua. Há uma preocupação de denunciar o abandono social, o que não se faz no jornal "Aurora da Rua".

No quarto parágrafo, o morador de rua explicita duas formações discursivas antagônicas através da sua formação imaginária. Quando diz que ninguém mais quer dormir em caixa de papelão, porque podem tocar fogo nela, é uma alusão ao higienismo social: matar as pessoas de rua como forma de resolver o problema da exclusão. Simultaneamente, é condescendente com as crianças que cheiram "loló", com a fragilidade dos velhinhos como revela um lado positivo: aprende-se a respeitar as coisas dos outros, a mulher dos outros. Tudo isto está sendo revelado e analisado devido à existência do jornal "Boca de Rua", que lhes dá visibilidade.

As condições de produção do jornal "Boca de Rua" se diferem daquelas do jornal "Aurora da Rua", porque os moradores de rua não dispõem de um lugar fixo para as reuniões. Não existe uma comunidade como suporte. Nas reuniões, os mediadores discutem com eles a realidade cotidiana como está descrita: "*Tem muita droga flama. Tem droga dia e noite. É um passatempo para fugir dos problemas e da fome Tem de tudo: loló, maconha, cocaína*" (5º §). É um relacionamento difícil que exige muito controle e paciência.

A consciência crítica aflora ("*o povo da rua não é invisível*") a partir dos textos e das leituras, dos relatos compartilhados, por isso o jornal "Boca de Rua" passa a dar oportunidade de os moradores de rua expressarem seus pensamentos e sofrimentos. Na produção textual, pela opção pelo estilo indireto livre, a realidade é vista pelo olhar do morador de rua, por isso os nomes dos colaboradores são mencionados no final de cada matéria. Os dois se assemelham muito, mas são diferentes na forma de encarar o mundo da exclusão e na forma de escrever os textos.

No jornal "Aurora da Rua", predomina o estilo indireto em que o narrador diz o que acontece com os personagens, mesclado com o estilo direto em que se reproduz a fala do morador de rua. Veja este fragmento falando sobre "Rua, minha Casa":

"Nós andamos em becos, ruazinhas, lugares esquecidos, antigos. Quem conhece mais Salvador do que os próprios moradores de suas ruas? O nome já diz morador de rua, moramos aqui, vivemos aqui, todos os dias".

A reflexão de Edmarcus faz sentido. Diferente da maioria dos outros países que conceituam essa população pela falta de um teto, o Brasil a define como moradores de rua - um termo que não remete à carência e ainda revela a potencialidade daquilo que são: sujeitos que vivem e experimentam a cidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é apenas a influência do discurso religioso que determina a produção de sentidos do jornal **Aurora da Rua**, pois existem diversas outras formações discursivas (cinismo, declaração dos direitos humanos, Constituição Federal, Movimento População de Rua) que, ideologicamente, controlam o que pode ser dito ou não tanto nas páginas do jornal como nas interlocuções na Comunidade da Trindade. Na maneira de construir os textos, de diagramar as páginas ou selecionar as fotos, as charges ou tirinhas, sente-se a influência do discurso jornalístico anti-hegemônico, pois as matérias publicadas jamais sairiam na mídia massiva da cidade. A correção da linguagem, no padrão culto é mais rígida no jornal "Aurora da Rua" do que no jornal "Boca de Rua", manifesta-se não como exclusão da maneira simples do povo, mas como uma forma de proteção, porque o jornal é lido não só pelos próprios moradores, mas também pela sociedade. Assim, esta heterogeneidade discursiva revela uma polifonia de vozes, construindo a identidade e a subjetividade do "Aurora da Rua".

A dimensão do morador de rua no jornal de rua de Salvador não é positivista, baseada em razões externas como desemprego, estrutura econômico-social de natureza sociológica ou antropológica em que se constroem as políticas públicas, mas essencialmente nas razões internas, como depressão, traumas na infância, abusos sexuais, numa visão humanista e fenomenológica, pois, a partir da

consciência, busca-se compreender a essência do homem como um “ser-aí” com suas potencialidades, inseridos na história e na construção de um futuro. Não ajuda quem não quer ser ajudado, por isso não é assistencialista, não catequiza para nenhuma religião, não promete a vida eterna ou o “reino de deus”, apenas evidencia que, com trabalho, disciplina e solidariedade, se pode conquistar a autoestima e ser um ser produtivo.

Segundo Trindade<sup>9</sup> (2014), este trabalho tem um caráter profético, pois pretende, com esta dimensão humana, sem ser necessariamente religiosa e ao lado do jornal **Aurora da Rua** “poder operar esta transformação cultural, esta humanização deste olhar para que da humanização deste olhar nasçam mínimas... pequenas experiências que um dia possam se tornar paradigmas por toda a sociedade”, como a semente de mostarda “ é a menor de todas as sementes da terra. Mas, quando é semeada, a mostarda cresce e torna-se maior que todas as plantas; ela dá ramos grandes, de modo que os pássaros do céu podem fazer ninhos em sua sombra.”(MARCOS 4,26-30.)

Quanto às formas de silêncio no discurso, o que mais predominou são os silenciamentos externos por causa da representação negativa que a sociedade ainda tem sobre os moradores de rua, como os silenciamentos internos que, por efeito da ideologia, funcionam como controle daquilo que é dito no jornal “Aurora da Rua”. A interdição ocorre muitas vezes de forma dissimulada, aludindo-se a questão de estética e de ética quando, na verdade, a interpelação do sujeito à formação discursiva que o domina é tão natural por sua total identificação (bom sujeito), não ocorrendo a contraidentificação na forma de crítica (mau sujeito), nem a desidentificação na forma de confronto conforme o pensamento de Pêcheux (1975).

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

---

<sup>9</sup> TRINDADE, Henrique Peregrino é um religioso francês que idealizou a Comunidade da Trindade e a criação do jornal “Aurora da Rua” que me deu uma entrevista em 20 de novembro de 2014.

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo, SP: Saraiva, 2002.
- BURSZTYN, Marcel (Org.) **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- CAZÉ, M. Odile Goulet e BRANHAN, B (Orgs.) **Os cínicos**. São Paulo: edições Loyola, 2007
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Arte de Fazer**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DOWNING, F. G. **Christ and the cynics**. Londres: Sheffied, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II- curso no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25. ed. – São Paulo: Graal, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UnB, 1977.
- MACK, Burton L. **O evangelho perdido: o livro de Q & as origens cristãs**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- ONFRAY, Michel. **Cynismes: portrait du philosophe em chien**. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1990.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK,T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Unicamp, [1975],1988.
- SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008
- SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- VAMOS COMER FORA**. Aurora da Rua, Salvador (BA), fev./mar. 2009, Ano 3, nº 12, p. 4-5.